

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3



ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO
(ORGANIZADOR)

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3



ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alessandro Teixeira Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 3 / Organizador Alessandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-538-9

DOI 10.22533/at.ed.389202810

1. Sociologia. 2. Desenvolvimento Humano. I. Ribeiro, Alessandro Teixeira (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pensar e sociedade, o indivíduo, a intersubjetividade e as relações sociais são preocupações constantes nos artigos e capítulos que integram a obra “A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 3”. O livro reúne uma série de contribuições da pesquisa social que buscam dar os contornos sobre a vida em sociedade, sobre as identidades e comunidades sociais.

A variedade de olhares que surgem nos capítulos dá conta de uma abordagem ampla sobre diversos temas atuais e urgentes. Sobretudo de questões relacionadas aos processos identitários, à etnicidade, dentre outros. Aqui, destacam-se os trabalhos que abordam as redes de interdependências estabelecidas a partir dos jogos indígenas, a tradição e a sobrevivência de comunidades pesqueiras portuguesas, entre comunidades geracionais, grupos de trabalho e identidades profissionais.

As vulnerabilidades social e laboral também são evidenciadas e debatidas à luz das correntes sociológicas nos trabalhos aqui destacados. Dentre eles podemos ressaltar pesquisas sobre políticas públicas para dependentes de novas drogas psicoativas, a precarização do trabalho e as condições sanitárias no mercado sexual durante a pandemia, as redes de apoio e grupos de identidade vinculados às pessoas em situação de rua, e as condições de representatividades da comunidade carcerária.

O rigor metodológico e as contribuições de múltiplas observações do campo social faz da coleção “A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 3” uma obra que contribui para o campo científico nacional.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

GEORG SIMMEL E A EDUCAÇÃO COMO TRAGÉDIA

Elson dos Santos Gomes Junior

Rafael Ferreira Pureza de Oliveira

Marcos Felipe Medeiros de Souza

DOI 10.22533/at.ed.3892028101

CAPÍTULO 2..... 12

ENTRE TRADIÇÃO E SOBREVIVÊNCIA DO TRABALHO DO MAR: DILEMAS GERACIONAIS DAS COMUNIDADES PISCATÓRIAS PORTUGUESAS

Licínio Manuel Vicente Tomás

DOI 10.22533/at.ed.3892028102

CAPÍTULO 3..... 28

EDUCAÇÃO INFORMAL E EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA: INVESTIGAÇÃO SOBRE SENIORES RESIDENTES EM VIANA DO CASTELO

Manuela Benvinda Vieira Gomes Cachadinha

DOI 10.22533/at.ed.3892028103

CAPÍTULO 4..... 41

UMA ANÁLISE SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS MERCADOS DAS NOVAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS (NSP)

Susana Henriques

Maria das Dores Guerreiro

Joana Paula Silva

DOI 10.22533/at.ed.3892028104

CAPÍTULO 5..... 55

SABERES TRADICIONAIS: UMA PESQUISA PARTICIPANTE REALIZADA COM O MOVIMENTO DAS APRENDIZES DA SABEDORIA

Ana Paula Huçalo

Analine Badotti Batista

Cristina Ide Fujinaga

Fernando Stora

Francieli Aparecida Zakseski

Marina Joice Keil

Willidiane Tessari

DOI 10.22533/at.ed.3892028105

CAPÍTULO 6..... 68

REGULAÇÃO E DESREGULAÇÃO DO TRABALHO: TRABALHO SEXUAL, PANDEMIA, CRISE, EXCLUSÃO E ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO

Roseli Bregantin Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.3892028106

CAPÍTULO 7	83
O LUGAR DE SUJEITO E O INDIVÍDUO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	
Amanda Marques de Carvalho Gondim	
José Luís Simões	
Izabel Adriana Gomes de Sena Simões	
DOI 10.22533/at.ed.3892028107	
CAPÍTULO 8	90
JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS: REDES DE INTERDEPENDÊNCIAS	
Deoclecio Rocco Gruppi	
DOI 10.22533/at.ed.3892028108	
CAPÍTULO 9	108
ENTRE SOCIABILIDADES E DESIGUALDADES: AS REDES DE APOIO NAS RUAS	
Anne Gabriele Lima Sousa de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.3892028109	
CAPÍTULO 10	121
DINÂMICAS DE AÇÃO DOS FISIOTERAPEUTAS PORTUGUESES - TENDÊNCIAS, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS	
Paula Soares	
DOI 10.22533/at.ed.38920281010	
CAPÍTULO 11	135
DINÂMICAS DA FAMÍLIA EMPRESÁRIA, REFLEXIVIDADE E A SUCESSÃO: A FERRAMENTA DO PROTOCOLO FAMILIAR	
Ana Paula Marques	
António Nogueira da Costa	
Paula Freire	
DOI 10.22533/at.ed.38920281011	
CAPÍTULO 12	151
COMUNIDADE DE MOTOCICLISTAS: UMA ABORDAGEM SOBRE UM MOTO CLUBE DO PARANÁ	
Karine Aparecida de Lima	
Bárbara Mendes Paz Chao	
Danielle Soraya da Silva Figueiredo	
Fabio Antonio Matucheski Zarpelon	
Iara Rodrigues Vieira	
Cristiana Magni	
Reinaldo Knorek	
DOI 10.22533/at.ed.38920281012	
CAPÍTULO 13	160
AUTONOMIA PROFISSIONAL DAS NOVAS PROFISSÕES DA SAÚDE EM	

PORTUGAL - OS TÉCNICOS SUPERIORES DE RADIOLOGIA

António Fernando Caldeira Lagem Abrantes

Rui Pedro Pereira de Almeida

Luís Pedro Vieira Ribeiro

Bianca Vicente

Kevin Barros Azevedo

Carlos Alberto da Silva

Dulce Miranda

DOI 10.22533/at.ed.38920281013

CAPÍTULO 14..... 172

ATUAÇÃO DA DEFENSORIA PÚBLICA NO INTRAMUROS DO PRP-RS

Jiulia Estela Heling

DOI 10.22533/at.ed.38920281014

CAPÍTULO 15..... 180

APROXIMAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE PODER E AUTORIDADE NA SOCIOLOGIA DA AÇÃO EM WEBER

Alexsandro Teixeira Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.38920281015

CAPÍTULO 16..... 193

A PROSTITUIÇÃO SOB ESCRUTÍNIO: QUANDO OS PROJETOS ANTIPROSTITUIÇÃO DO FEMINISMO ABOLICIONISTA E DE RELIGIOSOS CRISTÃOS CONVERGEM NO BRASIL

Tiago Luís Coelho Vaz Silva

DOI 10.22533/at.ed.38920281016

CAPÍTULO 17..... 206

A COMPLEXIFICAÇÃO DO PROCESSO CIVILIZADOR NOS DISCURSOS DA MÍDIA ESPORTIVA NO MIXED MARTIAL ARTS - MMA FEMININO

Luara Faria dos Santos

Ana Carla Dias Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.38920281017

SOBRE O ORGANIZADOR..... 217

ÍNDICE REMISSIVO..... 218

CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO INFORMAL E EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA: INVESTIGAÇÃO SOBRE SENIORES RESIDENTES EM VIANA DO CASTELO

Data de aceite: 26/10/2020

Data de submissão: 24/09/2020

Manuela Benvinda Vieira Gomes Cachadinha

Instituto Politécnico de Viana do Castelo
Portugal

<https://orcid.org/0000-0003-3300-887X>

RESUMO: Nas sociedades atuais a educação assume um papel de importância estratégica. A literatura na área das ciências sociais e das ciências da educação coloca em evidência a importância da educação ao longo da vida. Também se verifica que outros dois fenómenos caracterizam as sociedades do presente: o envelhecimento demográfico crescente e a globalização económica e cultural que se expande a todas as áreas do mundo. A globalização implica, entre outras coisas, um movimento de pessoas que migram de e para diferentes pontos do globo. Portugal tem uma população com vasta experiência migratória e tem também uma população cada vez mais envelhecida, sendo as gerações dos mais velhos as menos escolarizadas. Efetuamos uma investigação, à luz de pressupostos teóricos construtivistas e do curso de vida, sobre um grupo de seniores com passado migratório, atualmente residentes no espaço urbano da cidade de Viana do Castelo. No contexto da referida investigação, recolhemos informação através de entrevistas, onde nos foram narradas experiências de vida migratória e aprendizagens feitas, onde nos

foram relatadas situações de vida e aspirações na atualidade. Procuramos perceber quais foram as aprendizagens feitas pelos seniores, através da educação informal, durante as suas trajetórias de vida, e como é que tais aprendizagens podem ter contribuído para as situações de elevada autonomia detetadas. Concluímos que a experiência migratória e intercultural influência o envelhecimento autónomo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação informal; Interculturalidade; Migração; Envelhecimento.

INFORMAL EDUCATION AND MIGRATORY EXPERIENCE: RESEARCH ON SENIOR RESIDENTS IN VIANA DO CASTELO

ABSTRACT: In today's societies, education assumes a strategic role. Literature in the field of social sciences and educational sciences highlights the importance of lifelong education. It is also seen that two other phenomena characterize the societies of the present: the growing demographic aging and the economic and cultural globalization that expands to all areas of the world. Globalization implies, among other things, a movement of people who migrate to and from different parts of the globe. Portugal has a population with extensive migratory experience and also has an increasingly aging population, with older generations being the least educated. We carried out an investigation, in the light of constructivist theoretical assumptions and the course of life, on a group of seniors with a migratory past, currently residing in the urban space of the city of Viana do Castelo. In the context of the referred investigation, we collected

information through interviews, where we were told experiences of migratory life and learning made, where we were reported about life situations and aspirations. We try to understand what the seniors learned through informal education during their life trajectories, and how such learning may have contributed to the situations of high autonomy detected. We conclude that the migratory and intercultural experience influences autonomous aging.

KEYWORDS: Informal Education; Interculturality; Migration; Aging.

1 | INTRODUÇÃO

A educação constitui uma dimensão basilar das sociedades atuais que adquire uma importância crescente quer nos países mais desenvolvidos socioeconomicamente quer nos países em desenvolvimento. Na esfera da educação formal, temos uma crescente especialização e diversificação das formações ministradas pelos sistemas educativos e organizações de ensino. Na esfera da educação informal (a que acontece fora dos sistemas instituídos e vocacionados para a formação), verificamos também uma multiplicação e diversificação dos mecanismos, devido, entre outros aspetos, à crescente influência dos meios e redes de comunicação e informação.

As sociedades do mundo atual têm vindo a envelhecer, sobretudo nos países desenvolvidos, tal como o têm demonstrado diversas fontes estatísticas e bibliográficas na área das ciências sociais. A análise das situações e implicações do envelhecimento populacional assume uma crescente relevância científica e social pois a sociedade tem alguma dificuldade em lidar com esta situação. A existência de uma população sénior em crescimento e cada vez mais longeva lança novos desafios aos sistemas de saúde, aos sistemas educativo, aos sistemas de segurança social e à sociedade no seu conjunto.

Paralelamente ao fenómeno do envelhecimento demográfico verifica-se, presentemente, uma crescente globalização económica e cultural acompanhada por fenómenos migratórios que implicam um número crescente de pessoas de diferentes países e culturas. Esta situação acarreta mudanças sociais e culturais e tem implicações na educação formal e informal. Quando um indivíduo contacta pessoas de outras culturas faz também diversas aprendizagens (informais) sobre a cultura do “outro”. Neste contexto, a educação multicultural e intercultural adquire maior relevância e visibilidade.

Portugal que foi tradicionalmente um país de emigração passou a ser também, nos anos mais recentes, um país de imigração, verificando-se hoje a existência de um elevado número de residentes no nosso país provenientes de outras áreas geográficas. Também muitos dos portugueses que há décadas tinham emigrado, regressaram para aqui viverem a aposentação, trazendo consigo experiências de

interculturalidade e multiculturalidade.

Este trabalho pretende apresentar alguns dos resultados de uma investigação por nós efetuada sobre um grupo de seniores com passado migratório e intercultural e residentes na cidade de Viana do Castelo. Procuramos refletir sobre a forma como a aculturação e as aprendizagens efetuadas ao longo do percurso migratório influenciaram a autonomia durante o envelhecimento assim como aquilo que hoje se designa envelhecimento bem-sucedido.

A metodologia selecionada para a realização da nossa investigação é predominantemente qualitativa, com recurso à entrevista semiestruturada como técnica de recolha de informação. Todos os indivíduos entrevistados durante a investigação têm um passado migratório e experiência intercultural.

2 I MODELO DE ANÁLISE E REFERÊNCIAS TEÓRICOS

No contexto do que antes referimos, a investigação efetuada partiu da seguinte questão central: “Quais os fatores interculturais que têm influência num envelhecimento autónomo?”

Vários têm sido os autores que têm colocado em evidência a importância da relação entre educação, cultura e autonomia.

O tema da autonomia aparece na literatura académica, em alguns casos, vinculado à ideia de participação social, e, em outros, vinculado à ideia de ampliação da participação política no que toca à descentralização e desconcentração do poder (MARTINS, 2001; OLLIVIER, 2005).

Sinteticamente, a autonomia é a capacidade de uma pessoa ou de uma comunidade para tomar as decisões que a afetam, construindo as suas próprias regras, refletindo sobre as consequências de suas ações, assumindo responsabilidades. Ora, numa perspetiva política, não há outra maneira de tornar-se autónomo que não pela experiência própria da democracia (OLLIVIER, 2005). O indivíduo só pode alcançar a autonomia se tiver a possibilidade e/ou oportunidade de tomar as decisões sobre os assuntos que o afetam. O cidadão, independentemente da idade, é tanto mais autónomo quanto mais consiga decidir a sua vida e fazer aquilo que é de sua livre vontade (livre arbítrio).

Tal como refere Faleiros (2013), a articulação entre relações sociais, autonomia e proteção representa um paradigma de vinculação entre o contexto, o ambiente, a perceção da pessoa, o modo de vida e as atitudes diante das dificuldades, provenientes tanto do envelhecimento normal como do envelhecimento excecional ou patológico. A autonomia significa consciência, capacidade e possibilidade para tomar decisões a respeito de si e da sua relação com o mundo, de maneira interdependente, num contexto sociopolítico-cultural e como sujeito social e político,

com expressão aos diferentes níveis da sociedade.

São raras as investigações que fazem uma abordagem simultânea das diferentes dimensões da autonomia. Mas, após a revisão da literatura, verificamos que importa reter que a autonomia envolve capacidades físicas, instrumentais, sociais, culturais e políticas.

As crianças, os jovens, os adultos e os seniores vivem hoje em sociedades multiculturais. Carecem de uma educação intercultural de forma a conseguirem uma integração plena no mundo em que vivemos. Acresce que muitos dos seniores residentes atualmente em Portugal e em Viana do Castelo são portadores de experiências migratórias e interculturais. Viveram largos anos noutros países para os quais emigraram.

Alguns autores têm colocado em evidência o contributo da experiência migratória e intercultural para o desenvolvimento da identidade e da cidadania. A experiência intercultural promove o desenvolvimento da responsabilidade social, permitindo também que as pessoas retornem com a sua cidadania ampliada (SEBBEN, 1997).

Outros autores (ALLEN CAR-RODRIGUES, STREY & PEREIRA, 2007) tiveram a preocupação de caracterizar e estudar a “experiência migratória”, procurando analisar as implicações de tais experiências no posicionamento face à cultura e sociedade de origem.

Entende-se por experiência migratória o ter fixado residência durante um certo tempo noutro país ou numa outra cidade com características socioeconómicas e culturais diferentes das da área geográfica de origem. Como resultado da experiência migratória, identifica-se que morar no exterior possibilita descobertas pessoais, amadurecimento, ampliação da autonomia e desenvolvimento do espírito crítico. Apresenta-se também que a experiência migratória pode gerar dificuldades de adaptação na nova cultura e no retorno (ob. cit.).

Na sequência da revisão de literatura efetuada, iremos então verificar, através da observação e análise da realidade concreta, em que é que essa experiência de migração para outros países ou áreas culturalmente diversas das de origem contribui (ou não) para a construção de vivências autónomas.

Construímos um modelo de análise para a nossa investigação que inclui elementos retirados, essencialmente, de três quadros teóricos fundamentais:

- O **quadro teórico construtivista** (composto por um conjunto de teorias). Relativamente ao objeto de estudo estas teorias tornam relevante: 1) a descrição e a compreensão dos processos individuais do envelhecimento, nomeadamente da influência neste processo das estruturas sociais e das interações; 2) o estudo dos aspetos relativos a cada situação e construtivos dos significados sociais do envelhecimento; 3) o estudo

sobre a evolução das concepções sociais do envelhecimento.

Concretamente, Gubrium & Holstein (1999) salientam como exemplos de trabalhos mais atuais sobre o envelhecimento a aplicação das etnometodologias na investigação das estratégias dos idosos na sua vida quotidiana, a análise de histórias de vida e de narrativas sobre a forma como os seniores vão construindo as suas significações e vivenciando as suas experiências e a análise do modo como, em contextos culturais e sociais específicos e diferenciados, os seniores constroem o seu envelhecimento e a sua vida.

- **A teoria do curso de vida (*life course*).** Trata-se de uma concepção teórica que assenta nas interações pessoa/ambiente, nas concepções de estratificação e nas mudanças ocorridas com a idade e com os acontecimentos de vida. Na lógica desta teoria, predomina a concepção dinâmica e dialética, quer seja a nível individual quer seja a nível das relações de grupo.

Um aspeto importante desta concepção é perceber que o envelhecimento não pode ser compreendido apenas em função do envelhecimento imediato e visível nos últimos ciclos de vida, mas que deve ser entendido em função dos ciclos prévios, nomeadamente do início da vida adulta, e dos seus efeitos sobre saúde e a integração social. Neste contexto teórico, há conexões entre os diversos ciclos ou fases de vida e devem ser particularmente estudados os momentos de transição (escola, início da vida laboral, casamento, momento da emigração, nascimento dos filhos... reforma). Posteriormente, em cada contexto social e cultural devem ser analisadas as concepções sociais que determinam as concepções individuais e que levam a que alguém avalie a sua idade de uma determinada maneira.

A adoção da perspetiva do curso de vida permite ainda analisar o envelhecimento como resultado de trajetórias anteriores, especialmente as que relevam do campo profissional. A ocupação do tempo durante a inatividade, a partilha de sociabilidades, o envolvimento em atividades coletivas ou a prossecução de interesses pessoais, dependem, em grande parte, dos condicionalismos cognitivos, motivacionais, sociais e de saúde, que se desenvolvem ao longo das biografias pessoais, tendo como pano de fundo enquadramentos geracionais e históricos precisos. Estes enquadramentos delimitam o campo do processo de envelhecimento, estabelecendo determinações e condicionando opções. (CABRAL *et al.*, 2013, p.18).

Resumidamente, para a Teoria do Curso de Vida o envelhecimento é dinâmico (tem a ver com as mudanças relacionadas com a idade e com os percursos de vida), é contextualizado (o contexto molda o processo de envelhecimento e tem significados culturais) e a própria história molda o processo de envelhecimento seja a nível individual, grupal ou social.

Quisemos construir um modelo que conseguisse sistematizar alguns pontos de consenso teórico e sociológico no que concerne ao tema “educação e envelhecimento”.

3 I CARATERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS SENIORES ESTUDADOS

O grupo de seniores por nós estudados engloba 25 indivíduos dos quais, 13 são do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Neste grupo, a repartição por idades apresenta-se da seguinte forma: as idades variam entre os 60 e os 91 anos, sendo que 11 têm entre 60 e 69, outros 11 têm entre os 70 e os 79 e 3 têm 80 ou mais anos.

No que se refere ao estado civil, verifica-se que, no nosso grupo de 25 sujeitos, 21 são casados, 3 são viúvos e 1 é divorciado. Quanto ao número de filhos, a situação dos nossos entrevistados varia entre um mínimo de 1 filho e um máximo de 5. O número de netos varia entre 0 e 11.

Relativamente aos níveis de escolarização, podemos dizer que elas variam entre um mínimo de “sem escolarização” (1 indivíduo) e um máximo de “mestrado” (1 indivíduo). Neste indicador, agrupando os indivíduos em níveis de escolaridade, verificamos que temos no nosso grupo de informantes 4 pessoas detentoras de cursos do ensino superior, 8 pessoas com escolaridade entre o 9º e o 12º anos, 12 pessoas com uma escolaridade de 3ª e 4ª classe (atualmente, 3º e 4º ano do ensino básico) e 1 pessoa sem escolarização.

Atendendo à repartição dos entrevistados por área geográfica de residência, verificamos que todos os indivíduos residem dentro da área urbana da Viana do Castelo.

Quanto à situação de residência verificamos também que 20 dos nossos informantes residem com familiares e apenas 5 residem sós. No nosso grupo, os que declaram residir sós são 3 viúvos, uma divorciada, e um casado. Estes indivíduos que residem sós têm todos mais de 73 anos.

Importa referir que ao longo do processo de envelhecimento, o curso de vida das pessoas conhece mudanças profundas. Na generalidade das situações, passa-se de uma vida familiar para uma vida a dois e, depois da viuvez/divórcio ou separação, a uma vida a sós - uma tendência que tem vindo a acentuar-se nas últimas gerações (ABOIM, 2003). A observação do nosso grupo de revela que a maior parte das pessoas reside com familiares, sobretudo com um cônjuge. As pessoas que vivem atualmente sozinhas viveram em família durante uma parte do seu curso de vida, com extensões variadas.

4 I CARATERIZAÇÃO DO GRUPO QUANTO À AUTONOMIA E BEM-ESTAR

Podemos desde já afirmar que a autonomia dos nossos informantes é elevada. Para fazermos a afirmação precedente baseamo-nos das respostas dadas pelos sujeitos às questões colocadas.

Quanto às respostas dadas à questão “Necessita de ajuda para cuidar de si mesmo?”, 24 responderam “Não necessito de ajuda nenhuma” e apenas 1 respondeu “Necessito às vezes de ajuda em tarefas de cuidados pessoais”.

Relativamente às respostas dadas ao item “Pensando sobre a forma como se movimenta em casa e na rua”, 22 responderam “Movimento-me em casa e na rua sem qualquer dificuldade”, 3 responderam “Tenho dificuldade em movimentar-me sozinho tanto em casa como na rua”.

Quanto às respostas dadas à pergunta “Necessita de tratamentos de saúde regulares?”, 8 responderam “Não necessito de tratamento de saúde regular; 11 responderam “Às vezes vou ao médico mas não necessito de apoio médico regular”; 3 responderam “Necessito de apoio médico regular”; 3 responderam “A minha vida depende de tratamento médico regular”.

Através da análise das respostas dadas pelos inquiridos e conjugando com os critérios de avaliação usados internacionalmente, podemos dizer que o nível de autonomia na realização das tarefas básicas da vida diária (cuidados pessoais e arranjo doméstico) é muito elevado.

O nível de autonomia em termos de mobilidade e em termos de condições de saúde é também elevado. Recordamos que no contexto dos 25 inquiridos apenas 3 manifestaram que tem dificuldade em movimentar-se sozinho em casa e na rua e que a sua vida depende do tratamento médico regular.

A rede de suporte familiar revela-se de grande importância e significado para os nossos entrevistados pois a maioria, dos que necessitam de algum apoio, recorre a elementos da família quando necessita de ajuda para realizar determinadas tarefas domésticas e de cuidados pessoais.

Da referida situação de autonomia decorrem também situações de elevada satisfação com a condição de vida tal como podemos concluir das respostas dadas a diversas questões colocadas aos entrevistados.

Relativamente ao “Pensando na sua vida e na forma como vive”, 10 responderam “Acho que está tudo muito bem e como queria”; 14 responderam “Há muita coisa agradável mas penso que poderia ser melhor” e 1 respondeu “faltam-me muitas coisas que poderiam contribuir para o meu bem-estar”.

Percebemos, pelas respostas que nos foram dadas como justificação do bem-estar, que a questão da saúde e da autonomia nas tarefas básicas na vida

diária aparece como elemento justificador quase constante. Também a questão da independência económica constitui outro dos elementos referidos por alguns.

No bloco de questões concernente à satisfação com a vida, é relevante assinalar que as respostas dadas ao item “Que pensa sobre a vida que tem atualmente e sobre a forma como a vive?” vêm reforçar a ideia de que a maior parte dos nossos entrevistados estão satisfeitos com a vida que têm. Transcrevemos agora algumas das respostas dadas à referida questão e que demonstram a satisfação com a vida presente.

E3- “Gosto da vida que tenho e da forma como a vivo. Esforço-me pela coerência das minhas atitudes e por cumprir as minhas obrigações particulares e sociais”.

E4- “Penso que é uma vida normal e sem muitos sobressaltos”.

E5- “Sinceramente, penso estar bastante satisfeito com a minha vida atual neste momento e não sinto qualquer necessidade de a alterar, substancialmente”.

E6- “Como me encontro na situação de aposentada, tenho algumas saudades dos relacionamentos da vida ativa. Ainda estou em fase de adaptação face a esta nova realidade”.

E7- “Estou satisfeita com o que ainda faço e contente por poder ser avó de duas netas mais novas, já que das netas mais velhas, por trabalhar, não fui verdadeiramente avó”.

5 | IDENTIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA NA HISTÓRIA DE VIDA

Um dos objetivos da nossa investigação consiste em identificar a experiência migratória dos sujeitos na sua história de vida. Para atingir o mencionado objetivo, incluímos no nosso “guião de entrevista” um bloco com perguntas relativas ao passado migratório dos entrevistados. As questões colocadas destinaram-se a obter informações e narrativas sobre os momentos de migração e sobre a experiência vivida pelos entrevistados.

Relativamente ao passado migratório dos nossos informantes destaca-se a variedade dos percursos sendo que poderemos agrupar essas trajetórias em três grandes grupos, correspondentes a diferentes **áreas geográficas de migração**: um grupo que emigrou para França, um outro grupo que esteve migrado nas nossas ex-colónias (Angola, Moçambique e Índia) e um outro grupo que esteve migrado nas nossas maiores cidades do litoral (Lisboa, Porto, Coimbra).

No grupo dos entrevistados que estiveram migrados em França encontramos 10 sujeitos. No grupo dos que estiveram migrados nas ex-colónias encontramos 8 indivíduos. No grupo dos que estiveram migrados em cidades portuguesas encontramos 12 indivíduos.

Dentro dos três grandes grupos encontramos subgrupos de pessoas que acumularam diferentes experiências migratórias: nas ex-colónias e numa grande cidade portuguesa, numa ex-colónia e no estrangeiro e no estrangeiro e numa cidade portuguesa. Neste ponto devemos esclarecer que 5 dos nossos entrevistados estiveram migrados em diferentes locais pelo que incluímos 5 indivíduos em mais do que um dos referidos grupos.

Quanto aos tempos ou duração do período de migração dos nossos informantes eles variam, globalmente, entre os 2 e os 55 anos.

Após a análise dos discursos dos entrevistados percebemos que, mesmo nos casos em que a migração durou menos anos, essa experiência deixou marcas significativas em termos de amigos que se mantiveram e em termos de aprendizagem pessoal e profissional.

Do conjunto das narrativas produzidas pelos sujeitos sobre as suas histórias de vida, conseguimos extrair 3 grandes tipos de perfis, em termos do **momento e razão da migração**: um perfil em que a migração aconteceu durante a infância e juventude para acompanhar a saída da família (neste caso, os sujeitos acompanhavam os pais e começaram por estudar no local de migração e só depois iniciaram a vida laboral), um outro perfil em que a migração aconteceu já na vida laboral e adulta com o objetivo de o próprio informante ir trabalhar, e um outro grupo em que a migração aconteceu devido sobretudo à guerra colonial.

6 I OS DIVERSOS OLHARES SOBRE O ENVELHECIMENTO

6.1 A perspectiva dos mais escolarizados

Atendendo agora às respostas dadas à questão “Acha que durante a sua vida teve educação ou preparação para lidar com a situação atual de pessoa reformada e com mais idade?” pelos informantes com escolarização mais elevada (acima do 9º anos), cabe referir que uma parte relevante destes sujeitos diz que durante a sua vida se foi preparando para a situação de reformado (a) embora não tivesse participado em formações escolares (cursos) específicas para o envelhecimento e para a situação de reforma.

Percebe-se no discurso destas pessoas que a preparação foi acontecendo com o decorrer das vicissitudes e acontecimentos vividos durante a existência e de forma progressiva. Apenas dois dos entrevistados referem rotundamente a sua não preparação para lidar com a situação de reforma. Um destes indivíduos apresenta

maiores dificuldades relativamente à sua mobilidade física o que constitui certamente um fator explicativo para a maior dificuldade em lidar com a vida presente.

Os discursos produzidos pelos nossos inquiridos mais escolarizados colocam em relevo uma progressividade experiencial na preparação para a situação vivida na fase de reforma. As situações decorrentes dos problemas com a saúde apresentam-se como as de maior dificuldade vivencial e como as de mais difícil aceitação.

6.2 A perspectiva dos menos escolarizados

Procedendo à análise das respostas dadas pelos entrevistados menos escolarizados ao item do guião de entrevista, relativo à sua preparação para a situação de aposentação e reforma, verificamos que alguns destes nossos entrevistados associaram a questão aos quantitativos monetários recebidos dos organismos financiadores das reformas. O mesmo não aconteceu com os nossos entrevistados com escolarização mais elevada. Sobre o assunto das expectativas económicas prévias para a situação, sobressai a expectativa prévia de recebimento de uma pensão maior. É de salientar que este grupo de entrevistados é também aquele conjunto de informantes que auferem pensões mais baixas.

A generalidade das respostas dadas pelos entrevistados menos escolarizados, e quando não associam esta pergunta aos montantes monetários, não difere substancialmente das respostas fornecidas pelos entrevistados mais escolarizados. Ambos os grupos (os mais e os menos escolarizados) fazem alusão à preparação para a velhice/reforma que adveio da experiência de vida e do percurso pessoal.

7 | CONCLUSÕES

Verificamos que a experiência cultural e educativa gerada e/ou desenvolvida durante os períodos da vida em que se emigrou/migrou deixou marcas muito significativas e muito recordadas/narradas pelos nossos informantes. Nas narrativas analisadas sobressaem a importância e as consequências (profissionais, culturais, familiares e económicas) que a migração teve para os nossos sujeitos.

O que agora dizemos está de acordo com o paradigma construtivista e com a teoria do curso de vida para os quais é necessário perceber que a senioridade é construída ao longo da vida. Não pode ser compreendida apenas em função do envelhecimento imediato e visível nos últimos ciclos de vida, mas que deve ser entendida em função dos ciclos prévios, nomeadamente do início da vida adulta, e dos seus efeitos sobre saúde, a autonomia e a integração social. A adoção da perspectiva do curso de vida permitiu e permite ainda analisar o envelhecimento como resultante de trajetórias anteriores, especialmente as que relevam do campo profissional (CABRAL *et al.*, 2013).

Tal como referiu Sebben (1996) tornar-se cidadão do mundo pode resultar ou advir da experiência migratória. Neste contexto, salienta-se que as aprendizagens resultantes da migração contribuem sobretudo (mas não só) para o crescimento da autonomia social e cívica, ou seja, para o desenvolvimento da cidadania. O contacto com práticas culturais diferentes, com meios mais urbanizados, com pessoas e ambientes laborais mais diversificadas permitiu desenvolver o espírito crítico relativamente às práticas culturais e sociais do meio local de origem.

Atendendo à investigação empírica efetuada, constamos três subgrupos relativamente ao local de migração: um subgrupo que emigrou para França, outro que migrou para as ex-colónias e outro que migrou para as grandes cidades do litoral português.

Neste contexto, devemos dizer que o subgrupo dos nossos informantes que emigrou para França o fez numa época em que aquele país tinha um clima social e político onde se vivia em democracia quando em Portugal ainda existia um regime autoritário e não democrático. O subgrupo que migrou para as ex-colónias fê-lo num período de luta dos povos nativos pela sua independência. O subgrupo que migrou para as grandes cidades do litoral português fê-lo numa época em que aí se começaram a desenvolver lutas pelos direitos sociais, laborais e políticos. Estas experiências de vida são por nós consideradas uma condição de construção da autonomia e da cidadania nos sujeitos que viveram tais experiências de contacto com realidades políticas, culturais, sociais e laborais diferentes da realidade do seu local de origem. O próprio facto de tomar a decisão de partir (por si próprio ou devido à situação familiar) constitui uma afirmação de autonomia e crescimento pessoal e social. Tal como referem Paulo Freire (1972) e Carmo (2009, 2014), também entendemos que para se desenvolver como pessoa, qualquer indivíduo tem prioritariamente de aprender a ser autónomo, ou seja a ser sujeito da sua própria história construindo uma identidade pessoal a partir do seu potencial.

Durante o período de migração, o subgrupo dos nossos migrados nas cidades do litoral e o subgrupo dos emigrados em França tiveram contacto com contextos culturais menos tradicionalistas e menos rurais do que aqueles em que tinham nascido e vivido durante uma parte do início da sua vida. Este contacto com meios mais urbanizados, onde existiu e existe, à partida, uma maior divulgação do conhecimento científico e um maior apoio sanitário devido à existência de uma rede de cuidados de saúde mais vasta, contribuiu para que os sujeitos desenvolvessem os seus conhecimentos, aptidões e preocupações no campo da preservação da saúde. Este contexto mais urbanizado e desenvolvido contribuiu também para a adoção de estilos de vida mais saudáveis, nomeadamente, em termos de alimentação, de exercício físico e de prevenção de doenças.

No entanto, a influência da experiência migratória não se limita ao campo

da saúde. O contacto com estilos de vida mais urbanizados e com contextos sociais e laborais em que existe uma maior consciencialização dos direitos das pessoas (enquanto trabalhadores e enquanto cidadãos) acabou por contribuir para um desenvolvimento da autonomia em termos sociais e para um crescimento da cidadania nos grupos migrantes.

Ainda sobre a questão acima, devemos dizer que o subgrupo dos nossos informantes que esteve migrado nos territórios das nossas ex-colónias (regiões que, genericamente, não poderiam considerar-se desenvolvidas, nem industrializadas, e que não viviam em democracia) sobretudo devido à sua mobilização para a guerra colonial, teve que desenvolver algumas aprendizagens conducentes à preservação da autonomia e da própria saúde.

Neste contexto, é de referir a aprendizagem feita pelos jovens durante a preparação militar em que se transmitiam também ensinamentos no campo da manutenção da saúde, da autonomia física e da preservação da própria vida.

Sem querermos de modo algum fazer a defesa da guerra ou do treino militar, relembremos que muitos dos soldados que fizeram treino militar para a guerra colonial também alargaram a sua escolarização durante essa mesma formação. Os recrutas que eram analfabetos aprenderam a ler durante a instrução militar. Chama-se a atenção para o facto de que o analfabetismo constituiu um fenómeno prevalente em Portugal durante séculos. Em 1960 ainda existiam aproximadamente 33% de analfabetos no nosso país (INE, 2009).

Para além das aprendizagens para a autonomia feitas durante a preparação militar (esta aprendizagem foi feita apenas pelos homens devido à situação de exclusão do serviço militar vivida pelas mulheres), todo o subgrupo dos nossos informantes que migrou para as ex-colónias (homens e mulheres) também teve oportunidade de contactar com outras culturas, nomeadamente as culturas indígenas das populações africanas. Este contacto com realidades culturais e sociais diferenciadas das de origem dos indivíduos também contribuiu para um enriquecimento pessoal e para perspetivar a cultura local, de origem, de forma crítica.

No conjunto dos nossos entrevistados, quer os que migraram para as cidades do litoral, quer os que migraram para as ex-colónias e os que emigraram para França, todos eles conheceram ambientes culturais, sociais, políticos e laborais mais heterogéneos e tiveram a possibilidade de construir uma aprendizagem prática sobre a diversidade. Entendemos, tal como outros (CARMO, 2009 e 2014) que o conhecimento da alteridade e a aprendizagem para lidar com a diversidade possibilitou o desenvolvimento da autonomia em quem viveu tais experiências.

Chama-se a atenção para o facto de não se pretender fazer aqui a apologia da emigração para aquisição de maior autonomia na senioridade. Apenas constatamos

algumas situações em que a migração contribuiu de alguma forma para incrementar a autonomia dos sujeitos implicados.

REFERÊNCIAS

ABOIM, S. Evolução das estruturas domésticas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 43, pp. 13-30, 2003.

ALENCAR-RODRIGUES, R.; STREY, M.; PEREIRA, J. Experiência migratória: encontro consigo mesmo? Percepções de brasileiros sobre sua cultura e mudanças pessoais. *Aletheia* [On-line], (Julio-Diciembre), 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013567014>> ISSN 1413-0394, [consultado em: 15-1-2019].

CABRAL, M. V. *et al. Processos de envelhecimento em Portugal. Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013.

CARMO, H. **Educação intercultural e educação para a cidadania: uma aproximação teórica**. *Seminário sobre Diversidade Cultural, Educação e Cidadania*, Lisboa: CEMRI / UAB, 2009.

CARMO, H. *Educação para a cidadania no século XXI*, Lisboa: Escolar Editora, 2014.

FALEIROS, V. Autonomia Relacional e Cidadania Protegida: Paradigma para envelhecer Bem. In M. I. Carvalho (Coord.), *Serviço Social no Envelhecimento*, Lisboa: FACTOR, pp. 35 - 48, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, Porto: Afrontamento, 1972.

GUBRIUM, J. F. & HOLSTEIN, J. A "Narrative practice and the coherence of personal stories". *Sociological Quarterly*, 39(1), pp. 163- 187, 1999.

INE. *50 Anos de Estatísticas da Educação em Portugal*, 3 vols., Lisboa: INE, 2009.

MARTINS, A. M. *Autonomia e gestão da escola pública: entre a teoria e a prática*. Tese de Doutoramento, Campinas: Faculdade de Educação, Unicamp, 2001.

OLLIVIER, B. Autonomia. In J. Barus-Michel, E. Enriquez & A. Lévy, *Dicionário de Psicossociologia*, Lisboa: CLIMEPSI, 2005.

SEBEN, A. (1996), "Tornar-se cidadão do mundo é resultado de uma experiência migratória?". *Psico*, 27(1), 129-141, 1996.

SEBEN, A. *Um estudo exploratório de intercambistas que viajaram em programas de high school*. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Autonomia profissional 124, 125, 133, 160, 161, 164, 169, 170

C

Clima organizacional 160, 161, 163, 171

Comunidades 12, 14, 15, 18, 19, 22, 25, 27, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 91, 94, 99, 103, 104, 105, 136, 151, 152, 153

Configurações 84, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Convergência ideológica 193, 198, 199

Covid-19 68, 69, 72, 74, 82

Criminalização da prostituição 193, 195, 200, 203

D

Defensoria Pública 172, 173, 174, 176, 177, 179

Desafios ambientais 12

Desregulação 68, 72

E

Educação 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 40, 65, 66, 83, 90, 92, 96, 97, 98, 99, 105, 106, 134, 158, 162, 203, 215, 216, 217

Educação informal 28, 29

Envelhecimento 12, 18, 21, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 40

Envelhecimento profissional 12

Estado 3, 4, 33, 59, 65, 68, 72, 74, 76, 79, 80, 91, 94, 108, 109, 111, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 152, 153, 163, 172, 173, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 203, 204, 217

F

Família empresária 135, 137, 138, 143, 145, 146, 148, 149, 150

Feminismo abolicionista 193, 195, 199, 202

Fisioterapia 121, 122, 123, 124, 127, 130, 131, 132

G

Georg Simmel 1, 2, 3

I

Identidade 12, 15, 27, 31, 38, 50, 65, 90, 106, 107, 119, 128, 130, 132, 151, 152, 154, 156, 159

Interculturalidade 28, 30

J

Jogos escolares 90, 91, 92, 96, 97, 99, 100, 105, 106

Jogos indígenas 90, 106

L

Lugar de sujeito e indivíduo 83

M

Marx 4, 10, 181, 182, 185, 186, 187, 192

Mercados 12, 41, 43, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 135, 137, 141

Michel Foucault 83, 89

Migração 28, 31, 35, 36, 37, 38, 40, 71

MMA 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216

Modernidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 18, 20, 25, 65, 84, 207

Moto clubes 151, 152, 155, 157, 159

Mulher 69, 73, 80, 81, 114, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216

N

Norbert Elias 83, 88, 89, 92, 173, 207

Novas substâncias psicoativas 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53

P

Peruzzo 57, 62, 67, 153, 159

Poder 25, 30, 35, 57, 62, 63, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 100, 103, 104, 109, 111, 114, 118, 119, 124, 126, 128, 129, 130, 133, 135, 138, 145, 160, 162, 164, 169, 170, 171, 175, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 202, 205, 206, 209, 210, 213, 215, 217

Políticas públicas 41, 43, 44, 49, 51, 52, 53, 55, 66, 72, 74, 119, 120, 149, 163

Posições desiguais 108, 119

Processos civilizadores 172, 206, 215

Prostituição 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

Protocolo familiar 135, 137, 139, 141, 144, 146, 147, 148, 149, 150

Q

Questão penitenciária 172, 174, 179

R

Redes de apoio 108, 109, 113, 114, 116, 119

Reflexividade 135, 149

Regulação 68, 71, 73, 74, 77, 79, 80, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 146, 163, 171, 193, 203, 209

S

Saber popular 55, 64

Saúde 29, 32, 34, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 55, 56, 57, 58, 59, 63, 66, 75, 96, 98, 103, 121, 122, 123, 125, 127, 128, 129, 132, 133, 134, 152, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 171

Situação de rua 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120

Sociologia da ação 180, 184, 191

Sustentabilidade 12, 17, 18, 25, 26, 27

T

Técnicos superiores de radiologia 160, 161, 162, 163, 167, 169, 170, 171

Trabalho na pesca 12

Trabalho sexual 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204

W

Weber 4, 11, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 